

**A PERSONAGEM FEMININA NOS CONTOS DE HANS
CHRISTIAN ANDERSEN
THE FEMININE CHARACTER IN TALES OF THE HANS
CHRISTIAN ANDERSEN**

**Gracinéa I. OLIVEIRA¹
Olívia de Fátima MEDEIROS²**

RESUMO: O objetivo principal deste artigo é identificar características de personagens femininas em contos de Hans Christian Andersen (1805-1875). Já os objetivos específicos são: 1) identificar, nesse *corpus*, as personagens femininas pertencentes à classe alta (nobreza) e à classe baixa (povo); e 2) caracterizar essas personagens. A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa, especificamente, de cunho bibliográfico. Como resultado da análise, constatamos que personagens femininas, nos contos de Andersen que estudamos, apresentam diversas características comuns, independentemente da classe social a que pertencem. Há, porém, algumas nitidamente mais recorrentes em determinadas classes, como submissão e religiosidade, por exemplo, mais frequentes em personagens femininas pobres.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infantojuvenil - Hans Christian Andersen – Gênero - Personagem feminina.

ABSTRACT: The main objective of this article is to identify the female characters characteristics in the tales of Hans Christian Andersen (1805-1875). Now, the specific objectives are: 1) identify, on the *corpus*, the female characters belonging to the upper class (nobility) and the lower class (people); 2) characterize this characters. The research methodology focuses on qualitative research and bibliographic research specifically the bibliographic stamp. As a result of this analysis, we found the female character, in the tales of Andersen that we study, presents a lot of characteristics in common, regardless of social class to which they belong. But there are some characteristics that are more outstanding in certain classes, such as submission and religiosity, for example, more frequent on poor female characters.

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira na Faculdade de Letras da UFMG. Mestre em Estudos Linguísticos pela mesma instituição. Bolsista Fapemig. gracineaoliveira@hotmail.com

² Graduanda em Letras – Língua Portuguesa e suas Licenciaturas na Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas de Belo Horizonte – FACISABH, CEP.: 31.210-010, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. E-mail: oliviadefatimam@yahoo.com.br

KEYWORDS: Children and Youth Literature - Hans Christian Andersen – Gender - Female character.

1. Introdução

O objeto de estudo deste artigo são seis contos de Hans Christian Andersen (1805-1875): “História de uma mãe”, “Não prestava pra nada”, “A princesa e a ervilha”, “A rainha da neve”, “A filha do rei da lama” e “A menininha dos fósforos”. O objetivo geral é analisar a personagem feminina nesses contos. Já os objetivos específicos consistem, especificamente, em caracterizar e comparar as personagens femininas pertencentes à classe alta e à classe popular.

Andersen é um dos mais importantes escritores da literatura infantojuvenil ocidental, e sua obra é muito lida e apreciada até hoje. Nascido em Odessa, Dinamarca, no dia 02 de abril de 1805, filho de um sapateiro e de mãe lavadeira, cresceu em ambiente familiar protetor e religioso. Em 1812, quando Napoleão declarou guerra à Rússia, seu pai se alistou no exército napoleônico. Ele sobreviveu à batalha, mas voltou da guerra inválido e morreu dois anos depois, no início do declínio do poder de Napoleão (COELHO, 2010). Três anos pós a morte de seu pai, em 1819, Andersen convenceu sua mãe a deixá-lo morar em Copenhague, para tentar carreira artística. Lá, conheceu o teatro Shakespeare, trabalhou como ator, dançarino, passou muitas dificuldades, mas não desistiu (COELHO, 2011).

Sua obra é composta por romances, poemas e narrativas de viagens, mas só ficou realmente célebre com seus contos maravilhosos. Andersen editou seis volumes desses contos, entre 1835 e 1872. Publicou cento e sessenta e oito histórias, permeadas de humor típico dos habitantes do norte da Europa e de divertida bondade (SANTANA, 2013). Entre seus contos mais divulgados estão: “O Patinho feio”, “Os sapatinhos vermelhos”, “A rainha da neve”, “O rouxinol e o imperador da China”, “O soldadinho de chumbo”, “A pastora e o limpador de chaminés”, “A pequena vendedora de fósforos”, “Pequetita”, “Os cisnes selvagens”, “A roupa nova do imperador”, “O companheiro de viagem”, “O homem da neve”, “João e Maria”, “Nicolau grande e Nicolau pequeno” etc. Duas características de seus contos diferenciam-nos de outros escritores, como os irmãos Grimm, por exemplo, que, anteriormente a ele, também

praticaram esse gênero: 1) suas fontes não são apenas folclóricas; ou seja: ele não apenas adaptou histórias da tradição oral, mas, seguindo o espírito romântico, também inventou muitas histórias; e 2) seus contos não são calcados apenas no terreno do maravilhoso; muitas de suas histórias tiveram inspiração e se passaram na “vida real”, no cotidiano (COELHO, 2010, p.159). Em fins de 1872, Andersen sofreu uma queda e ficou com a saúde debilitada até 04 de agosto de 1875, data da sua morte, na cidade de Copenhague, onde foi sepultado (SANTANA, 2013.)

Andersen foi um escritor sintonizado com valores românticos, “como os ideais de fraternidade e de generosidade humana”. Além disso, também foi influenciado pela exaltação nacionalista que, desencadeada na Alemanha, influenciou profundamente os países nórdicos (COELHO, 2010, p.117).

Embora alguns de seus contos bebam nas fontes populares e folclóricas da Dinamarca, a maioria de suas histórias é inspirada em fatos corriqueiros, do cotidiano dinamarquês oitocentista (COELHO, 2010). Sendo assim, além de manejar com maestria o conto maravilhoso, Andersen é um exímio contista moderno. Seus contos foram escritos e publicados no século XIX, que “é o momento de criação do conto moderno quando, ao lado de um Grimm que registra contos e inicia o seu estudo comparado, um Edgar Allan Poe se afirma enquanto contista e teórico do conto” (GOTLIB, 2003, p. 7), e a obra andersiana ilustra bem essa transição, já que ao mesmo tempo em que o autor publica contos do folclore nórdico (uma minoria, diga-se de passagem), ele cria, ele inventa a maioria de suas histórias.

2. A personagem feminina nos contos de Andersen

Santos e Oliveira (2001) classificam as personagens em duas categorias: planas – que são as superficiais, marcadas por traços fortes e invariáveis – e esféricas: que apresentam caracterização mais analítica e mais sofisticada (SANTOS; OLIVEIRA, 2001).

Segundo Candido (1976), essa terminologia “personagem plana e esférica” foi proposta por Forster (1949 *apud* CANDIDO, 1976, p.65). Em relação à plana, seria a personagem construída em torno de uma única ideia ou qualidade; já a esférica não é claramente definida por Forster, mas Candido (1976) conclui que as características

desse tipo de personagem reduzem-se, essencialmente, ao fato de ter três, e não duas dimensões; de ser, portanto, organizada com maior complexidade e, conseqüentemente, ser capaz de nos surpreender.

Ainda segundo Antonio Candido (1976), a organização do contexto é o elemento decisivo para conferir verdade aos seres fictícios; o princípio que lhes infere vida e calor e os faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos. Percebemos, nos contos de Andersen, esse contexto que ajuda a definir suas personagens. Por isso, até mesmo personagens não-humanos, como nos casos dos contos “O patinho feio” e “A sereiazinha” – mais conhecida como “A pequena sereia” – tornaram-se inesquecíveis e perpassam o imaginário ocidental há séculos.

É possível encaixar as personagens de Andersen nessas duas categorias, embora a maioria delas seja plana. A única personagem que pode ser classificada como esférica é a filha da velha dos ladrões, visto que é personagem complexa, psicologicamente densa, que não se encaixa na dicotomia mocinho/bandido. É capaz de atitudes perversas, mas também de atitudes nobres, como ajudar a protagonista Gerda a encontrar Kay. Como exemplo de personagem plana, temos a Rainha da Neve, cujas qualidades são beleza e maldade. As personagens do universo maravilhoso e poético de Andersen, porém, vão além dessa classificação. Vejamos, então, os seis contos que constituem o *corpus* deste trabalho e as principais características desses seres ficcionais.

O primeiro conto analisado, “A princesa e a ervilha”, foi escrito em 1835. Nele, narra-se a história de um príncipe em busca de uma princesa, para se casar. Para ele, porém, essa não poderia ser uma princesa qualquer; era necessário que fosse uma princesa genuína, legítima. Certo dia chuvoso, uma princesa bateu na porta de seu palácio e a mãe dele a abrigou. Sua mãe aproveitou a oportunidade para fazer um teste e se certificar de que aquela era uma princesa genuína. O teste consistiu em colocar uma ervilha sobre a tábua do leito, mas sob vinte colchões, empilhados uns sobre os outros. Depois, encaminhou a princesa para dormir sobre esses colchões. No dia seguinte, verificaram que ela era uma princesa genuína, visto que, ao ser indagada pelo rei sobre como havia dormido, a princesa disse que não conseguira dormir à noite, porque tinha algo na cama que a incomodava. A rainha e o rei comprovaram que ela era uma princesa, porque somente as princesas eram assim tão frágeis e sensíveis. O príncipe casou-se com ela e a ervilha foi entregue a um museu (ANDERSEN, 2011). Nesse

conto, identificam-se duas imagens da mulher nobre: a primeira é explícita: a mulher nobre – a princesa do conto – é descrita como excessivamente frágil e delicada. A segunda imagem é implícita, aparece nas entrelinhas do texto. Nessa, o excesso de delicadeza da mulher nobre é implicitamente, ou melhor, é ironicamente criticado, visto que chega a ser cômico uma pessoa sentir uma pequenina ervilha escondida sob diversos colchões. Pressupomos que esteja aí uma crítica à nobreza, classe já em decadência, após as revoluções burguesas do fim do século XVIII. Se assim for, houve uma apropriação da estrutura de um conto maravilhoso para subvertê-lo e transformá-lo em uma crítica à sociedade.

O segundo conto analisado, “A rainha da neve”, foi escrito em 1844. Segundo informações de Silva Duarte (2011), que traduziu os contos andersianos que analisamos, nessa história, Andersen misturou crenças populares e recordações de sua infância. Esse conto é dividido em sete histórias ou capítulos.

A primeira história é a de um espelho. Nesse espelho, tudo de bom e bonito que nele se espelhava sumia. Esse espelho foi quebrado por um duende e, ao cair, estilhaçou-se em pequenos pedaços, que voaram pelo mundo. Ao entrar nos olhos de algumas pessoas, esses estilhaços faziam com que elas vissem tudo ao contrário; ou seja: se algo era feio, viam como bonito; se era mau, viam como bom, etc..

A segunda história narra a vida de duas crianças pobres: uma menina chamada Gerda e um menino chamado Kay, que eram muito amigos. Em um dia de inverno, estavam os dois com a avó da menina, observando a neve cair. A avó lhes contou que os flocos de neve eram abelhas brancas e que tinham uma rainha, chamada Rainha da Neve. Certo dia, um pedaço do espelho mágico entrou nos olhos de Kay, fazendo com que o menino mudasse de personalidade, tornando-se frio e mau. Quando o inverno voltou, o menino saiu em seu trenó, para passear na praça, e encontrou a Rainha da Neve, que o levou com ela. Gerda e sua avó procuraram por Kay, mas não o encontraram, e a maioria das pessoas dizia que ele havia se afogado no rio. Já nessa parte da história as características de algumas personagens femininas estão postas: Gerda e a avó eram boas e a Rainha da Neve era má.

Na terceira história, Gerda decidiu procurar pelo seu amigo, porque não acreditava em sua morte. Foi ao rio e entrou em um barco que acabou sendo levado pela correnteza. A menina começou a chorar, até que chegou a um cerejeal, no qual havia uma

casinha, onde morava uma velha que a abrigou. Gerda contou-lhe sua história e lhe perguntou se vira seu amigo Kay. A velha era uma feiticeira boa, mas gostava de encantar, por prazer, e decidiu reter a menina, fazendo com que ela se esquecesse de Kay. Para que a menina não se lembrasse de nada, a velha enterrou as roseiras, que poderiam trazer de volta a memória da menina, que gostava muito de rosas. Após algum tempo, Gerda encontrou, no jardim, uma rosa que a feiticeira esquecera de enterrar e se lembrou de tudo. Ela, então, fugiu da casa e percebeu que havia decorrido um bom tempo, visto que já era outono, e retomou a busca pelo seu irmão amigo Kay (ANDERSEN, 2011).

Na quarta história, Gerda, após se informar com uma gralha, foi até um palácio onde Kay estaria com uma princesa. Ao chegar lá, porém, constatou que o príncipe não era Kay. A menina chorou e contou sua história ao príncipe e à princesa, que se sensibilizaram e resolveram ajudá-la. Ela recebeu botas, um regalo e um coche de ouro para viagem (ANDERSEN, 2011).

Na quinta história, Gerda foi parada, em um bosque, por ladrões. A velha dos ladrões interessou-se pela menina, pensando fazer um guisado dela, mas sua filha preferiu mantê-la viva, para que pudessem brincar. Os ladrões pouparam-na. Posteriormente, ela contou sua história à filha da velha dos ladrões, enquanto se dirigiam ao palácio deles. Lá, as pombas lhe disseram que viram Kay com a Rainha da Neve. Além disso, afirmaram que deveriam estar na Lapônia, visto que lá sempre tinha neve. No dia seguinte, Gerda contou o fato à menininha dos ladrões. Ela, então, soltou a rena e lhe pediu que levasse Gerda até a Lapônia. A rena fez o que lhe fora solicitado. Nessa parte do texto, percebemos características de outras personagens femininas: a velha dos ladrões, que era má e independente, a filha da velha que, em alguns momentos, tinha atitudes más, e, em outras, boas (ANDERSEN, 2011).

Na sexta história, Gerda chegou à casa da laponiana e esta lhe encaminhou à finlandesa, alegando que ela poderia ajudá-la. Chegando à Finlândia, a finlandesa explicou à rena que ninguém poderia ajudar Gerda. A rena levou Gerda até um arbusto e voltou, deixando-a sozinha (ANDERSEN, 2011).

A sétima e última história narra algo ocorrido no palácio da Rainha da Neve. Lá, o pequeno Kay jogava o jogo da inteligência. O desafio era o seguinte: se ele conseguisse formar a palavra certa, a Rainha da Neve lhe daria de presente o seu próprio

mundo e um novo par de patins, caso perdesse, ficaria ali para sempre. Após lançar o desafio, a Rainha foi embora, visto que precisava levar neve a outros lugares. Gerda chegou ao palácio da Rainha da Neve e encontrou Kay, que estava gelado e não a reconheceu. Ela começou a chorar; suas lágrimas quentes caíram sobre o peito do menino, penetrando seu coração e derretendo o gelo. Kay, então, olhou para Gerda e a reconheceu. Ele começou a chorar e a lasca de vidro dos olhos foi expelida com as lágrimas. Os dois foram embora do palácio e voltaram para a sua cidade. Ao chegarem a casa, notaram que já eram adultos. O conto termina com os dois adultos, mas como crianças no coração (ANDERSEN, 2011).

Nesse conto, o que desencadeia o conflito é o pedaço do espelho mágico que penetrou nos olhos de Kay. O que liga as várias histórias é a busca de Gerda por seu amigo. Trata-se de um rito de passagem: da infância para a fase adulta: o conflito é desencadeado no inverno, perpassa a primavera e se resolve no outono. Além disso, entendemos que a escuridão causada, no coração de Kay, pela lasca do espelho, e a constante busca de Gerda representam a adolescência e a busca pela identidade, pela constituição do sujeito. Já os obstáculos vencidos pelos dois para chegarem à fase adulta são as dificuldades pelas quais se passa ao sair do universo de proteção infantojuvenil e adentrar o mundo adulto. No caso desse conto, os dois personagens principais conseguiram fazer essa passagem. Além disso, é importante notar que as dificuldades não foram vencidas com a ajuda de familiares; ou seja: dependeram apenas dos esforços das personagens.

Outro dado relevante é sobre as personagens femininas que, nesse conto, tanto podem levar à perdição, como no caso da Rainha da Neve, como podem ser a salvação do menino-homem, como é o caso de Gerda; ou seja: nesse conto está representada a imagem dual da mulher: anjo ou demônio. Essa imagem, entretanto, não representa algo estanque, uma separação, uma dicotomia, visto que ambas, apesar da diferença – má e boa –, compartilham características comuns. A Rainha da Neve e Gerda são personagens ativas, que tomam decisões sobre suas vidas e conduzem seus destinos, não são submissas. Além disso, elas não foram escolhidas, mas escolheram seus homens: A Rainha, seu companheiro-amante; Gerda, seu amigo-irmão. Outro fator interessante que apontamos nesse texto é o fato de a personagem má, a Rainha da Neve, pertencer à classe alta; já a personagem boa, Gerda, é pobre. A pobre e a rica disputam o mesmo

menino-homem, mas a menina pobre é a vencedora. Nesse caso, embora esteja representada a competitividade feminina, a bondade e o amor de Gerda venceram o gelo, com o qual a Rainha da Neve havia congelado o coração de Kay. Foi a pureza, apontada, por Nelly Coelho (2010), como uma das virtudes básicas da mulher na obra de Andersen, que possibilitou a Gerda salvar Kay.

Outro ponto relevante, com relação a essas personagens femininas, diz respeito à beleza. As duas personagens femininas principais – Gerda e a Rainha da Neve – são belas. Embora a Rainha da Neve seja má e independente, ela não é caracterizada como bruxa; ao contrário, é encantadora, delicada e inteligente, como podemos perceber nesta passagem: “– Agora não tens mais beijos! – disse ela – Senão, beijava-te até morreres. Kay olhou para ela, era muito bonita, um rosto mais inteligente e mais belo não podia imaginar, agora não parecia de gelo [...]. Aos seus olhos era perfeita, não tinha o mínimo de receio” (ANDERSEN, 2011, p. 205).

Outra personagem feminina que também tem atitudes emancipadoras é a princesa que Gerda conheceu por intermédio da gralha. Ela foi descrita como inteligente e desinteressada quanto ao casamento; entretanto, a princesa mudou de ideia, mas foi ela quem escolheu seu futuro marido, por meio de imposições que colocou para os pretendentes: “[...] diz-se que começou a cantarolar uma cantiga, que era precisamente ‘Por que não devo casar-me?’” (ANDERSEN, 2011, p. 213). Outra imagem de mulher que aparece no conto em questão é a velha figura da ogra, devoradora de crianças, que era a chefe dos ladrões. Essa é descrita como uma bruxa: “– Ela [Gerda] está gorda, é bonita, tem gordura, pois foi engordada com miolo de noz! – disse a velha aos ladrões [...]. É tão bom como um pequeno cordeiro engordado! Oh! Que delícia! – e puxou a faca luzente, e esta brilhava, tanto que era cruel” (ANDERSEN, 2011, p. 218). Ela tem, no entanto, lugar de destaque naquela comunidade, visto que essa velha chefiava os ladrões. Aqui, há a representação da mulher criminosa, forte e independente que, ao invés de ser tutelada, tem muitos homens sob seu domínio e vive à margem da lei. Além disso, ela não é completamente má, porque é uma boa mãe. Esse é um exemplo da complexidade das personagens andersianas, embora em contos maravilhosos haja tendência ao maniqueísmo. A filha da velha criminosa também é outro exemplo dessa complexidade: algumas vezes, tem atitudes más, outras pratica atitudes boas, como a ajuda a Gerda.

As outras personagens femininas descritas como pobres são a laponiana e a finlandesa. Na verdade, elas são mais do que pobres, são miseráveis. A laponiana era tão pobre que não tinha em que escrever um bilhete; por isso, o escreveu em um bacalhau. Além disso, sua casa era pequena e miserável. A finlandesa não desperdiçava comida; sua casa sequer tinha porta.

O terceiro conto analisado, “A filha do rei da lama”, tem uma estrutura que nos chamou a atenção, porque é composto por vários contos encaixados. Além disso, tem características de fábulas, visto que são animais – nesse caso, cegonhas – que contam as histórias, mas as personagens principais são humanas. Nesse conto, um casal de cegonhas narra a história de uma princesa egípcia que fora à Dinamarca em busca da flor de lótus para a cura de seu pai. Ao chegar à Dinamarca, porém, foi jogada no pântano pelas outras duas princesas que a acompanhavam. Quando caiu no pântano, foi feita prisioneira pelo Rei da Lama e dele teve uma filha, que a cegonha levou para a esposa de um rico *viking* criar. A mulher do *viking* ficou muito feliz com a criança. Ela percebeu, entretanto, que, à noite, aquela linda criança se transformava em uma rã e, à medida que a menina ia crescendo, a *viking* percebeu que, durante o dia, ela tinha uma personalidade intratável: era muito má e cruel. O *viking*, que vivia viajando e guerreando, voltou de viagem e adorou essa criança, sem saber de sua metamorfose, e ela recebeu o nome de Helga, um nome doce para ela, que era dura e amarga, mais selvagem do que muitos homens, naqueles tempos obscuros (ANDERSEN, 2011).

Certa vez, o pai adotivo de Helga a levou à casa um jovem sacerdote cristão, que fora feito prisioneiro. Helga ficou muito feliz, demonstrando, novamente, como era má, visto que disse que queria espargir o sangue do sacerdote nos *vikings*, no dia do sacrifício dele. À noite, porém, quando se transformou em rã, sua mãe adotiva chamou sua atenção e lhe disse que a preferia feia e rã, mas boa, do que moça e bela, mas má. Helga, então, na forma de rã, resolveu soltar o prisioneiro e fugir com ele. O sacerdote, quando chegou a um bosque, rezou e fez diversas orações para desencantar Helga. Nesse meio-tempo, porém, foram assaltados por um bando de ladrões, que mataram o sacerdote e raptaram Helga. Anoiteceu, entretanto, e ela se transformou em rã. Eles, amedrontados, fugiram. Ela fez uma sepultura para o sacerdote e o feitiço foi quebrado. Em sonho, o sacerdote lhe apareceu e lhe mandou se aproximar de um pântano. Ao chegar próximo ao pântano, Helga fez o sinal da cruz e quebrou o feitiço que mantinha

sua mãe presa ao Rei da Lama. Sua mãe retornou ao Egito, levando-a juntamente com a flor de lótus (ANDERSEN, 2011).

Passado algum tempo, Helga ficou noiva de um príncipe da Arábia. Nesse dia, o espírito do sacerdote foi visitá-la, e ela solicitou a ele que a levasse para ver o Reino dos Céus. Ele atendeu seu pedido; ela viu o Reino do Céu, mas ficou lá três minutos a mais e, quando voltou, já haviam passado vários séculos e não encontrou ninguém mais que conhecia. Ela viu uma cegonha e lhe perguntou pelo noivado, mas a cegonha não a reconheceu e lhe disse que seu avô contou-lhe que Helga sumira no dia de seu noivado e nunca mais fora vista. Helga caiu, sua alma subiu ao céu, mas seu corpo virou pó e uma flor de lótus murcha nasceu onde ela estava (ANDERSEN, 2011).

As personagens femininas desse conto, excetuando-se a mãe-cegonha, são todas da nobreza ou ricas: as princesas egípcias, Helga e a esposa do *viking*. Duas das três princesas egípcias são más e mentirosas; a outra, mãe de Helga, é bondosa e se sacrifica para salvar o pai moribundo. A esposa do *viking* é boa, dedicada, mãe e esposa exemplar. Embora o conto se passe no século IX da era cristã, a esposa do *viking* representa uma típica mulher do século XIX: ela fica em casa, cuidando da casa e da filha, enquanto seu marido viaja ou guerreia. Quando o marido volta, ela prepara uma grande recepção para ele e seus companheiros.

Outra personagem intrigante do conto é Helga. Ela é, ao mesmo tempo, bela e feia, má e boa. O interessante é que essas características estão desencontradas: de dia, é linda, mas má; à noite, é feia, monstruosa, mas boa. O que quebra esse encanto não é um príncipe encantado que se apaixona e se casa com ela, mas um sacerdote cristão, que a desencanta com o poder da Palavra do Deus bíblico. Entendemos que a feiura e a maldade são herança paternal, já que é filha do Rei da Lama; já a bondade e a beleza são herança de sua mãe, a princesa egípcia. Além do mais, como o cristão conseguiu desencantá-la, a lama, a feiura e a maldade podem ser relacionadas ao culto pagão; a bondade e a beleza, ao Cristianismo:

[...] a mulher do *viking* o via, conhecia o seu rosto... era o sacerdote cristão aprisionado. – Cristo branco! – gritou ela, alto, e com a nomeação do nome beijou a testa da sua horrorosa filha-rã. Então caiu a pele de batráquio e a pequena Helga ficou ali em toda a sua beleza, doce como nunca antes e com os olhos brilhantes. (ANDERSEN, 2011, p. 421).

No quarto conto analisado, “Não prestava pra nada”, conta-se a história de uma lavadeira muito pobre, que, constantemente, era objeto de censura por parte do juiz da cidade, para cuja família trabalhara na juventude. O juiz da comarca vivia afirmando que a lavadeira “não prestava pra nada”, visto que bebia. Quando via o filho dela levar-lhe uma garrafa de vinho na algibeira, o juiz achava que ela não passava de uma bêbada. Essa bebida, porém, servia para esquentar a lavadeira, que ficava horas e horas dentro de um rio extremamente frio, lavando roupas, em pleno outono dinamarquês. Ela tinha de trabalhar para se sustentar e sustentar o filho, porque seu marido morrera. Além disso, sonhava em assegurar bom futuro ao seu filho a quem amava muito (ANDERSEN, 2011).

Ao passar mal na beira do rio, após saber da morte do irmão mais novo do juiz, a lavadeira é socorrida por uma amiga, conhecida como Coxa da Madeixa, por ser coxa de uma perna (ANDERSEN, 2011).

Ela, então, contou a história de sua vida a essa amiga: relatou que, na juventude, fora apaixonada pelo irmão do juiz, que era correspondida, mas a mãe dele não deixou que permanecessem juntos, tendo dito à lavadeira que eles eram de classes sociais diferentes, que ela deveria arrumar alguém como ela, e que os pobres só poderiam ocupar um lugar acima dos ricos junto a Deus. Alegou, também, que eles não tinham a mesma educação e que, assim sendo, quando a beleza dela se acabasse, não haveria mais nada nela que pudesse interessar a ele, já que seus espíritos não se igualavam. A lavadeira, então, decidiu se casar com o luveiro, Eric, que morreu, alguns anos depois, deixando-lhe só com o seu filho (ANDERSEN, 2011).

A amiga da lavadeira, que fora sua criada, quando Eric estava vivo, achava certo a amiga beber, para se aquecer e, além disso, Coxa criticava o juiz, porque ele oferecia banquetes com bebidas fortes aos ricos da cidade, mas não ajudava a ninguém (ANDERSEN, 2011).

No dia seguinte à declaração que fez à amiga Coxa, a lavadeira morreu. O juiz descobriu que seu irmão caçula que havia morrido deixara, em testamento, dinheiro para a lavadeira e, como ela havia falecido, decidiu entregá-lo ao filho dela e abrigá-lo em uma boa casa, para ser artífice. Em relação à morte da lavadeira, o juiz afirmava que ela morrera de tanto beber, mas que não tinha problema, porque ela “não prestava pra nada” (ANDERSEN, 2011, p. 334).

Nesse conto, há três personagens femininas: a lavadeira, sua amiga Coxa da Madeixa e a mãe do juiz. A primeira e a segunda são pobres e a terceira é rica. Em relação à lavadeira e à sua amiga, percebemos que são caracterizadas como bondosas, honestas, trabalhadoras e asseadas. Já a mãe do juiz é descrita, pela lavadeira, como inteligente, terna e carinhosa. A atitude da mãe do juiz, no entanto, demonstra grande preconceito contra os pobres, ao não permitir a continuidade do envolvimento de seu filho mais novo com a então criada que, no futuro, seria uma lavadeira. Para ela, na Terra, pobre e rico não poderiam ocupar o mesmo lugar social.

Em relação ao fato de a lavadeira beber, é possível perceber, nesse conto polifônico, duas vozes: uma que justifica a bebida, vendo-a não como vício, mas como uma forma de matar a fome e aquecer o frio (essa voz é orquestrada pela própria lavadeira e por sua amiga Coxa); a segunda voz é a do juiz, que, de certa forma, representa a elite local. Para essa elite, a lavadeira era uma bêbada, que não prestava para nada. No final, para o narrador, essas duas vozes representavam Deus – para Quem a lavadeira prestava – e o mundo, para “quem” a lavadeira não prestava para nada.

Em relação, ainda, às personagens femininas pobres, a lavadeira é resignada em relação à sua situação social, visto que desiste do irmão do juiz. Além disso, está explícito, nesse conto, que, para os pobres, não há salvação na Terra, apenas no Céu. Outro dado importante é que, contrariando a estrutura dos contos maravilhosos, não há alternativa para a jovem pobre. Não adianta trabalhar e ser boa, nunca virá um príncipe encantado para retirá-la da pobreza; ela está condenada a morrer na mesma classe social em que nasceu; ou seja: não há possibilidade de ascensão social para a mulher pobre.

O quinto conto analisado “História de uma mãe” conta a história de uma mãe que estava com o filho doente e receava que ele viesse a morrer. Um velho apareceu em sua casa, em um dia gelado. A mãe, então, disse ao velho que acreditava que Deus não iria lhe retirar o filho. O velho, que era a morte, acenou com a cabeça estranhamente; seu aceno poderia significar tanto sim como não. A mãe, que não dormia há três noites e três dias, acabou adormecendo por um momento. Quando acordou, assustou-se, porque não viu seu filho nem o velho em lugar algum da casa. Começou, então, a luta da mãe para salvar seu filho da Morte. Ao sair em busca do filho e da Morte, a primeira pessoa que encontrou no caminho foi uma mulher com vestido preto e longo. Ela lhe disse que viu a Morte sair às pressas com o filho dela. A mãe lhe perguntou por qual caminho eles

foram, mas a mulher lhe disse que, para lhe informar o caminho, ela teria que cantar todas as canções com as quais acalentava seu filho. A mãe cantou e chorou; a mulher de vestido preto, que, na verdade, era a noite, disse-lhe, então, qual era o caminho. A mãe foi parar no bosque e não sabia mais que direção tomar. Encontrou um espinheiro sem folhas e flores e lhe perguntou se ele tinha visto o seu filho. O espinheiro lhe disse que, para lhe informar o caminho, a mãe teria que aquecer o seu coração. Ela, então, apertou o espinheiro no peito, até aparecer folhas verdes e brotarem flores. Ele, então, lhe indicou o caminho (ANDERSEN, 2011).

A mãe chegou a um lago muito gelado e não havia nada que pudesse ajudá-la a atravessá-lo. O lago disse à mãe que gostava muito de pérolas e, como ela tinha os olhos muito claros, solicitou-lhe que chorasse até perdê-los para ele. Se ela fizesse isso, ele a levaria até a estufa da Morte. A mãe chorou até seus olhos caírem. O lago, então, a levou até a outra margem (ANDERSEN, 2011).

Como a mãe não podia enxergar, perguntou a uma velha, que estava entre os túmulos, onde podia achar a Morte com seu filho. A velha lhe disse que a Morte ainda não tinha chegado, mas que estava para chegar. Disse, ainda, que, se a mãe lhe desse o que pediria, informar-lhe-ia como deveria proceder. A mãe nada mais tinha para lhe oferecer. A velha, então, lhe pediu seus cabelos longos e a mãe aceitou e trocou seu cabelo pelo da velha. A mãe chegou à estufa e se curvou sobre as plantas, para escutar os corações que batiam dentro delas, até achar a de seu filho. A velha lhe informou que ela não podia tocar na flor, que deveria esperar a Morte chegar. Quando a Morte chegou, disse à mãe que tudo o que ela, a Morte, fizera, fora por vontade de Deus, e que ela era o jardineiro dEle. A mãe, desesperada, ameaçou arrancar todas as flores se a morte não lhe devolvesse seu filho. A Morte devolveu-lhe seus olhos e disse à mãe os nomes das duas flores que ela ameaçara arrancar. Ao enxergar novamente, a mãe viu, no lago, uma cena de miséria, horror e desgraça, e perguntou à Morte qual era a flor da desventura e qual era a da ventura. A Morte disse-lhe que isso não lhe podia dizer, mas que uma delas era o futuro do seu filho. A mãe, em desespero, implorou a Deus que, então, levasse seu filho, para que ele não ficasse sofrendo. No final, a Morte partiu com o menino (ANDERSEN, 2011).

A morte, assunto desse conto, é um dos grandes temas que perpassa a obra de Andersen. É ela – a morte – que mostra a fragilidade da vida, a efemeridade das coisas.

Além disso, percebemos, nesse conto, a morte vista como uma das grandes obras divinas, correspondente à plena realização da vida. Como a própria Morte diz: “[s]ou o jardineiro de Deus! Pego todas as suas flores e árvores e transplanto-as para o grande jardim do Paraíso, num país desconhecido [...]” (ANDERSEN, 2011, p. 304). A mulher desse conto dedica-se ao filho; ela é uma mulher pobre, mas capaz de enfrentar tudo e todos para o bem dele. Não se importa em ficar cega, em se ferir ao abraçar um espinheiro, em perder seus lindos cabelos, visto que o objetivo era salvar a sua vida era o filho. No final, quando viu a verdade – ou seja, como poderia ser o futuro do seu filho –, preferiu sofrer com sua morte a deixá-lo sofrer; ou seja: é o amor materno incondicional.

Outra característica marcante dessa mulher é a sua fé, seu amor a Deus, tanto que, no final, ela cedeu à vontade divina. Mais uma vez, aparece, nos contos de Andersen, a mulher pobre sujeitando-se à “vontade dos céus”.

O sexto conto analisado – “A menininha dos fósforos” – é um dos mais tristes e encantadores contos de Andersen. Nele, tem-se a história de uma menina muito miserável, que saía, na noite da véspera do Ano-Novo, para vender fósforos. Como não conseguiu vender fósforo algum, decidiu não voltar para casa, porque seu pai bater-lhe-ia muito, pelo fracasso da venda. Com fome e frio, ela se abrigou em um canto, encolhida. O frio intensificou-se, porém, e ela decidiu acender um fósforo, para se aquecer. Uma chama clara irradiou como uma vela, mas logo se apagou. Acendeu outro fósforo, olhou para dentro de uma casa e viu um farto banquete, com lombo, ganso e vários outros tipos de comida, mas esse fósforo também se apagou. Sentada sob uma bela árvore de Natal, na rua, ela ainda tentou, várias vezes, aquecer-se com os fósforos da caixa, mas seu esforço foi em vão e a menininha foi encontrada morta na última noite do Ano-Velho (ANDERSEN, 2011).

Nesse conto – um dos mais ternos, chocantes e belos de Andersen –, estão presentes a miséria, a crueldade e a injusta divisão de classe. Soma-se a isso a violência doméstica e a exploração da mão-de-obra infantil. Embora essas expressões sejam anacrônicas, é o que está explícito, no texto, com o fato de a menina vender fósforos, a mando de seu pai, que deveria lhe proteger e sustentar. Além disso, a violência física também é explícita, visto que, se voltasse para casa sem vender fósforo algum, seria espancada. É importante notar que, nesse conto, não há imagem idealizada alguma, há

uma imagem realista, que mostra a menina-criança entregue à própria sorte, nos primórdios do capitalismo. Nesse texto, o pai, que deveria protegê-la, a agride; e a sociedade, que, pelo menos no período natalino, deveria ser mais solidária, assiste, impassível, à morte da menina, ocasionada pelo frio e pela fome. Em relação a isso, há uma ironia sutil no texto: ao escolher esse período de fartura para alguns e de miséria para outros, para ambientar a personagem, a morte da menina tornou-se mais triste e desumana. O prenúncio da morte dela foi feito magistralmente, por meio da imagem de uma estrela cadente: “[v]iu, então, que eram as estrelas brilhantes. Uma delas caiu e fez um longo risco de fogo no céu. [...] Quando uma estrela cai, uma alma sobe para Deus” (ANDERSEN, 2011, p. 277).

Outro fator relevante é a delicadeza com que a menina é descrita. O uso de diminutivos é uma estratégia que ajuda nessa caracterização. Quase podemos sentir-lhe o pequeno corpo, os cabelos loiros cheios de flocos de neve, os pezinhos descalços na neve: “Lá ia a menininha, pezinhos descalços, quase roxos de frio. No avental velho, levava uma quantidade de fósforos e, na mão, um molho deles. [...] Com fome e gelada caminhava, infeliz, a pobrezinha!” (ANDERSEN, 2011, p. 276). O contraste de classes está explícito: em algumas mesas, fartura e excesso de comida, mas, na maioria delas, falta de tudo, miséria pura. Chega a doer o coração ao imaginar a menininha descalça, com os pés roxos de frio, no gelo dinamarquês.

Outro aspecto interessante desse conto refere-se à sua motivação. Segundo informação de seu tradutor, foi escrito no Castelo de Graasteen – “ou Marselisborg – residência de verão da realeza dinamarquesa” (DUARTE, 2011, p. 278) —, onde Andersen se hospedara em uma de suas viagens. Ele escreveu esse conto, segundo Silva Duarte (2011), para atender ao pedido de seu amigo Flinck, a partir de uma gravura que lhe fora enviada: a da menininha órfã que vendia fósforos na rua, em plena noite de frio e neve, véspera do Ano-Novo. Nesse caso, temos uma obra literária inspirada em uma obra pictórica; ou seja: a representação de uma representação.

Considerações finais

Analisar essas personagens femininas de contos de Andersen nos permitiu identificar vários traços delas. Focalizamos suas características sociais, mas, como em toda boa obra literária, surpreenderam-nos outras características marcantes que não estavam entre os propósitos da nossa análise, e as pincelamos, neste trabalho, por relevantes.

Nos contos analisados, identificamos nove personagens da classe alta, sendo que, dessas, mais da metade pertencia à nobreza: eram rainhas ou princesas. Essas personagens exibiam roupas e acessórios que caracterizavam sua classe. Mesmo quando não são nobres, é possível identificar o *status* delas pela aparência, como, por exemplo, lendo-se este trecho:

[a] mulher do *viking* estava sentada no banco transversal da sala do festim. Trazia saia de seda, pulseira de ouro e grandes pérolas de âmbar amarelo. Estava na sua melhor gala e o bardo cantou-a também no seu canto, falou do tesouro de ouro que lhe tinha trazido o marido rico. (ANDERSEN, 2011, p. 402).

No trecho transcrito acima, a riqueza dos *vikings* é mostrada na imagem da mulher exibindo as joias e roupa de tecidos de qualidade. Ela usava o melhor, (de)mostrando, assim, ser membro de classe social mais elevada. A esposa do *viking* era uma pessoa doce e que se dedicava ao marido.

Pudemos, também, identificar as classes sociais às quais pertencem essas personagens pela caracterização de suas moradias. No conto “A rainha da neve”, por exemplo, o palácio de uma das princesas é descrito detalhadamente:

[e]ntraram, então, na primeira sala, que era de cetim cor-de-rosa com flores artísticas nas paredes. Cada sala era mais bonita do que a outra. Sim, ficava-se verdadeiramente estupefato, e agora estavam no quarto de dormir. O teto parecia uma grande palmeira com folhas de vidro, de vidro precioso, e no centro suspenderam-se, num espesso caule de ouro, duas camas que pareciam ambas de lírio [...]. (ANDERSEN, 2011, p. 216).

As personagens ricas são descritas como bonitas e, em apenas um dos contos, “A filha do rei da lama”, percebemos o uso da beleza, por parte da personagem Helga, para

seduzir um homem. Seu pai adotivo, por exemplo, não conseguia perceber a maldade da jovem, de tão bela que ela era: “[m]as o *viking* não acreditava nessas palavras, estava, como os outros, seduzido pela sua beleza, também não sabia como espírito e carne mudavam na pequena Helga” (ANDERSEN, 2011, p. 407).

Nesses contos, identificam-se dez personagens femininas pobres. Muitas delas não tinham profissões definidas; outras, porém, tinham profissões populares típicas, como, por exemplo: lavadeiras, criadas, etc.. Essas personagens, em algum momento da narrativa, foram humilhadas por sua condição social, mas percebemos que havia sempre um tratamento terno do narrador para com elas, como se pode perceber no conto “A menininha dos fósforos”: “[v]iviam sob um telhado, mas o vento assobiava por ele, apesar de terem vedado, com palha e trapos, as fendas maiores. As mãozinhas estavam quase mortas de frio. Ai! Um fosforozinho far-lhe-ia bem” (ANDERSEN, 2011, p. 277). A descrição da pobreza, porém, tem um tom de denúncia, de crítica à forma com os desvalidos da sorte eram tratados naquela sociedade, como percebemos neste trecho do conto “A rainha da neve”: “[p]araram junto a uma pequena casa. Era tão miserável! O telhado descia até a terra e a porta era tão baixa que a família tinha de arrastar-se sobre a barriga quando queria sair ou entrar” (ANDERSEN, 2011, p. 222). A descrição dessa casa mostra a pobreza que chega à miséria.

Verificando os trechos anteriores, notamos contrastes entre a classe alta e a classe baixa, o que sinaliza um tipo de denúncia. Sendo assim, após a análise, concluímos que o pertencimento a uma classe social é uma característica marcante e, muitas vezes, definidora do comportamento da personagem feminina. A classe social, todavia, não pode ser entendida como um lugar estanque, fechado, porque há características que são comuns às personagens femininas, independentemente de sua classe social. Um exemplo é a beleza, atributo que caracteriza tanto personagens pobres como ricas.

Percebemos, entretanto, que a classe social a que a personagem feminina pertence determina, algumas vezes, seu lugar na trama. Um exemplo disso é a lavadeira de “Não prestava pra nada” que, por ser pobre, não pode se casar com o grande amor da sua vida. Isso demonstra não apenas a grande diferença das classes, mas, também, a dificuldade de se transpor as fronteiras sociais, a baixa permeabilidade social.

Em relação à submissão, verificamos que é mais típica nas personagens femininas pobres, embora haja algumas que, assim como a velha, chefe dos ladrões, no conto “A rainha da neve”, são ativas e independentes.

Em relação à religiosidade, ela também aparece mais associada às personagens femininas pobres, mas Helga, a princesa do conto “O rei da lama”, tornou-se extremamente religiosa.

Dessa forma, entendemos que, nos contos de Andersen, o universo feminino é extremamente complexo. Identificamos algumas características que são mais recorrentes em personagens de determinada classe, mas elas nunca são categóricas. Há personagens femininas extremamente ativas e independentes que; ao invés de terem sido escolhidas, por exemplo, escolheram seus homens, como nos caso de Gerda, e da princesa, ambas do conto “A rainha da neve”.

Em relação à imagem dual da mulher, essa também não é uma característica categórica, visto que há personagens – como a lavadeira e a princesa da ervilha –, que não correspondem nem a anjo nem a demônio.

Percebemos, também, que as personagens femininas protagonistas dos contos têm um traço comum: a busca. Todas estavam em busca de algo: a princesa do conto “O rei da lama” estava à procura da flor de lótus; Gerda, do conto “A rainha da neve”, estava à procura de seu amigo-irmão Kay; a lavadeira, de “Não prestava pra nada”, estava à procura de sustento para si e para seu filho, assim como a menininha de “A pequena vendedora de fósforos”. A mãe de “A história de uma mãe” estava à procura de seu filho; e a princesa do conto “A princesa e a ervilha” estava à procura de um abrigo. Sendo assim, o que desencadeia conflitos, nesses contos, é a falta de algo, que faz com que as personagens femininas se movimentem visando ao seu encontro. Por último, percebemos, nas tramas, em geral, maniqueísmo; mas, algumas vezes, o bem não vence o mal, como nos contos “Não prestava pra nada” e “A pequena vendedora de fósforos”.

Referências

ANDERSEN, H. C. **Contos de Hans Christian Andersen**. Tradução de Silva Duarte; prefácio e comentário de Nelly Novaes Coelho. São Paulo: Paulinas, 2011.

CANDIDO, A. *et al.* **A personagem de ficção**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 53-80.

COELHO, N. N. **Panorama histórico da literatura infanto/juvenil**: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo. 5. ed. rev. e atual. Barueri, SP: Amarelly, 2010.

_____. Revisitando o universo de Hans Christian Andersen. In: ANDERSEN, Hans Christian. **Contos de Hans Christian Andersen**. Tradução de Silva Duarte; prefácio e comentário de Nelly Coelho. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 5-19.

FORSTER, E. M. **Aspect of the novel**. London: Edward Arnold, 1949. p. 66-67 *apud*

GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2003.

OLIVEIRA, V. B. M. B. de. **A representação da criança nos contos de Hans Christian Andersen**: o desvelar de um paradigma. Dissertação (Mestrado em Letras – Estudos Literários) – Departamento de Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009. Disponível em: <<http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/vbmboliveira.pdf>>. Acesso em: 14 mai. 2014.

SANTANA, A. L. **Hans Christian Andersen**. InfoEscola, 2013. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/hans-christian-andersen/>>. Acesso em: 05 jun. 2013.

SANTOS, L. A. B.; OLIVEIRA, S. P. de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais**: introdução à teoria da literatura. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SILVA DUARTE, J. J. P. Prefácio do tradutor da edição e das notas. In: ANDERSEN, Hans Christian. **Contos de Hans Christian Andersen**. Tradução de Silva Duarte; prefácio e comentário de Nelly Novaes Coelho. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 278.